

CNPq 75 anos: uma jornada estratégica para o Brasil

A criação do CNPq, em 1951, foi um dos movimentos mais visionários da história do Brasil. Em um país que ainda engatinhava na organização de seu sistema científico, a decisão de instituir uma agência nacional dedicada à ciência e à tecnologia revelou uma compreensão precoce de que o conhecimento seria peça-chave para o desenvolvimento.

Idealizado pelo Almirante Álvaro Alberto e impulsionado por lideranças científicas e instituições como a Academia Brasileira de Ciências e a SBPC, o então Conselho Nacional de Pesquisas nasceu ligado diretamente à Presidência da República. Desde o início, sua missão foi clara: formar pessoas, apoiar a pesquisa e estruturar a ciência brasileira.

Ao longo de 75 anos, o CNPq tornou-se um dos principais pilares da construção do sistema nacional de ciência e tecnologia. Milhares de estudantes foram formados com suas bolsas, da iniciação científica ao pós-doutorado. Gerações de pesquisadores consolidaram suas carreiras com o apoio da agência, contribuindo para a expansão e a qualificação da produção científica no país.

O impacto do CNPq vai muito além do financiamento individual. A agência teve papel decisivo na consolidação da pós-graduação brasileira, no fortalecimento de instituições científicas estratégicas — como o IMPA, o CBPF, o INPE e o LNLS — e na articulação de programas estruturantes em diversas áreas do conhecimento.

Outro marco foi a promoção da cooperação internacional. Ao longo de décadas, o CNPq construiu parcerias com instituições de mais de 40 países, inserindo o Brasil em redes globais de pesquisa e ampliando a visibilidade da ciência nacional. Da mesma forma, o apoio à formação de pesquisadores no exterior teve efeito multiplicador: muitos desses cientistas retornaram ao país, criaram novos grupos de pesquisa e contribuíram para a interiorização e diversificação do sistema científico.

Programas como o PRONEX, os Institutos do Milênio e, posteriormente, os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) consolidaram redes de excelência em áreas estratégicas. O desenvolvimento da Plataforma Lattes, por sua vez, transformou-se em um dos mais importantes instrumentos de organização e avaliação da atividade científica no Brasil.

Mesmo em períodos de restrição orçamentária, o CNPq manteve sua atuação graças à dedicação de seu corpo técnico e ao compromisso da comunidade científica. O sistema de avaliação por pares, por meio dos Comitês Assessores, assegurou que o mérito e a relevância científica fossem critérios centrais no apoio aos projetos.

Celebrar os 75 anos do CNPq é reconhecer que não há desenvolvimento sustentável sem investimento contínuo em ciência, tecnologia e educação. Em um mundo cada vez mais baseado no conhecimento, a previsibilidade e a estabilidade do financiamento científico não são um custo, mas um investimento estratégico — condição indispensável para que o Brasil possa competir, inovar e responder aos desafios econômicos, sociais e ambientais do século XXI. É também fundamental reconhecer que a inovação, em suas múltiplas dimensões — científica, tecnológica, social e empresarial — nasce desse

ecossistema de pesquisa apoiado pelo CNPq, convertendo conhecimento em soluções concretas, geração de riqueza e respostas efetivas aos grandes desafios nacionais.

Nós, que tivemos a honra de presidir o CNPq em diferentes momentos de sua história, testemunhamos de perto o impacto transformador dessa instituição. Sabemos que seus resultados não se constroem no curto prazo, mas ao longo de décadas, com continuidade de políticas públicas, compromisso institucional e confiança na ciência.

O CNPq foi, é e continuará sendo uma agência estratégica para o país. Que as próximas décadas sejam marcadas por ainda mais investimento, estabilidade e visão de longo prazo — condições indispensáveis para que a ciência brasileira siga contribuindo para o desenvolvimento econômico, social e ambiental do Brasil.

Assinam este artigo os ex-presidentes e o presidente atual do CNPq.

José Galizia Tundisi, Esper Abrão Cavalheiro, Marco Antonio Zago, Carlos Alberto Aragão de Carvalho Filho, Glaucius Oliva, Hernan Chaimovich, Mario Neto Borges, João Luiz Filgueiras de Azevedo, Evaldo Ferreira Vilela, Ricardo Magnus Osório Galvão, Olival Freire Junior